

Bilac Pinto acha inútil a Constituinte

Belo Horizonte — Em mensagem aos mineiros, pela passagem amanhã do 16º aniversário da Revolução, o Ministro Bilac nega a necessidade de uma Assembleia Nacional Constituinte e não vê razão "para que se afrouxe a vigilância, a eterna vigilância, que é — para repetir palavra famosa — o preço da liberdade".

Explicou que é preciso vigilância, para evitar "a implantação, entre nós, de opressão trágica e irremediável, de tirania extremista que, clamando por democracia, quer bani-la do mundo político". Disse que não há razão para falar-se, no momento, em convocação de Assembleia Constituinte, "pois esta supõe a renegação em bloco da ordem constituinte em vigor".

Segundo o Ministro Bilac Pinto, que gravou em Brasília mensagem de um minuto, para ser divulgada hoje em rádios e televisões de Minas, "como toda Carta política, a Constituição de 1967, mantendo em suas linhas fundamentais as tradições da nossa ordem constitucional, procurou acudir a males próximos que pediam remédio, a fim de garantir à nação a segurança, a ordem e a tranquilidade indispensável a seu desenvolvimento, que, como vêm repetindo vozes autorizadas, é o novo nome da paz".

— Como todas as instituições humanas — prosseguiu, ao negar a necessidade de uma Assembleia Constituinte — a Carta de 1967 possui feição dinâmica, sendo susceptível, pois, de alterações que a evolução social e política, bem como as exigências dos tempos, reclamem.

"Isto não significa, todavia, que se possa tocar nos grandes princípios que, nela esculpidos, sejam impreteríveis, quer a manutenção da ordem democrática que consagra, quer a preservação do sistema social e político que nela é garantido, que se acha em todo o mundo sob crescente ameaça, pelo impla-



Bilac Pinto

cável expansionismo das chamadas democracias populares, que não são democracias nem são populares".

Rememorando a Revolução de 1964, o Ministro Bilac Pinto disse ter acompanhado de perto o processo de subversão desencadeado em setores vitais da sociedade brasileira no período que a antecedeu. "Denunciei à nação, insistentemente, fundado em dados concretos, as técnicas usadas pelos agentes da subversão no seu propósito, traduzido em atos inequívocos, de instalar-se no Poder mediante novo tipo de guerra, a guerra revolucionária".

Disse que o caráter fundamental dessa guerra "consiste em romper a coesão nacional, incompatível com o inimigo interno, para situá-lo sob o influxo de ideologias e forças externas dentro das fronteiras do país".

— Para subjugar essa arrancada subversiva que se expandia à sombra das franquias constitucionais de caráter amplamente democrático, as Forças Armadas foram constrangidas a instituir regime político que restaurasse a legalidade e assegurasse a sua inquebrantável manutenção — afirmou.

Um solista da antiga UDN

Mineiro de Sapucaí, o Sr Olavo Bilac Pinto foi um dos mais implacáveis solistas da banda de música da UDN — Partido do qual foi líder na Câmara e presidente nacional — no combate ao Governo constitucional de Getúlio Vargas. Em 1963/1964, foi um dos parlamentares que mais se empenharam na conspiração que depôs o Presidente João Goulart, e nessa condição coube-lhe pronunciar um célebre discurso, no qual denunciava a preparação dos sindicatos para uma luta armada que, afinal, não foi travada.

No Governo revolucionário do Marechal Castello Branco, foi eleito por uma coligação que tinha representantes de todos os Partidos para a presidência da Câmara dos

Deputados, onde substituiu o desgastado candidato do PSD, Paschoal Ranieri Mazzilli, que se manteve no cargo quase uma década. Como presidente, chegou a promover estudos sobre o sistema partidário e eleitoral do México, que considerava um bom caminho para o Brasil.

Mais tarde, foi nomeado embaixador em Paris, e sempre houve a desconfiança de que estivesse sendo preservado para surgir como candidato civil à sucessão de Castello. A hipótese não se confirmou, porque a candidatura do General Costa e Silva se impôs nos meios militares e se tornou incontestável. O Sr Bilac Pinto foi nomeado, então, Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo do qual se aposentou recentemente.